

Reflexões em torno de uma pesquisa de Renée Legris: A figura dos ameríndios na teleficção quebequense.

Reflections over a research by Renée Legris: The figure of the Amerindian in Quebecois telefiction

Licia Soares de Souza¹

Submetido em 17 de novembro de 2017 e aprovado em 1º de abril de 2018.

Resumo: O presente texto se inscreve na mesa *Hommage à Renée Legris* do colóquio *Représentations des dynamiques urbaines dans la littérature et le cinéma du Québec et du Brésil*, no 85º congresso da ACFAS. A representação do ameríndio na teleficção do Québec (teleteatros e telenovelas) foi a temática selecionada para sublinhar uma das vertentes do imenso trabalho dessa pesquisadora de peso sobre a mídia do Canadá. Pesquisando mais de 500 obras, Legris encontrou apenas uma dúzia que trata da presença do ameríndio na sociedade quebequense. Buscando o apoio do conceito de heterotopia (FOUCAULT), e reflexões sobre a alteridade através do termo *jurídico* da estraneidade, podemos explicitar as diferentes fases de integração problemática do ameríndio na sociedade quebequense. Na teleficção, o ameríndio foi sempre visto como um Outro, tão estrangeiro quanto os imigrantes recentes.

Palavras-chave: Renée Legris. Ameríndios. Teleficção. Radio-Canada. *Shehaweh. Au nom du père et du fils. Canadart. Quand nous serons là à Manoun. Terre des Jeux. Forges de Saint-Maurice.*

Abstract: This text is part of the workshop *Homage to Renée Legris* in the 85th Colloquium of ACFAS: *Représentations des dynamiques urbaines dans la littérature et le cinéma du Québec et du Brésil*. Legris was a great researcher of media in Canada, deceased in 2016. The representation of Amerindians in the telefiction of Québec was the theme chosen to underline the importance of Legris's work. Searching through a corpus of 500 shows, she found only twelve that approached the presence of Indians in Quebec society. With the support of Foucault's concept of heterotopy and reflections about the process of otherness under the legal term of foreignness/estraneity- *extranéité/estraneidade* - we explain the different phases of the problematic integration of the Indians in Quebec society. In Quebecois telefiction Indians are always seen as an Other, as foreign as recent immigrants.

Keywords: Renée Legris. Indians. Telefiction. Radio-Canada. *Shehaweh. Au nom du père et du fils. Canadart. Quand nous serons là à Manoun. Terre des Jeux. Forges de Saint-Maurice*

É uma honra para mim poder expressar algumas palavras em homenagem à memória de Renée Legris, co-orientadora da minha tese, e amiga em vários momentos de minha vida, com sua forma generosa de perceber o mundo e as relações humanas. Teria muito a dizer sobre a figura profissional desta senhora que levou tantos estudantes e estudiosos a se interessarem pela literatura radiofônica e televisiva do Quebec. Como nosso tempo é limitado, resolvi abordar uma parte dos trabalhos de Renée Legris, aqueles que ela me passou para publicação no Brasil em revistas como a *Canadart*² ou a *Tabuleiro das Letras*³.

Eu fazia parte do conselho editorial da revista *Canadart*⁴, um dos veículos responsáveis por estimular estudos comparados entre as culturas canadense e brasileira. Efetivamente, como bem o diz Zila Bernd (2008, 2013), os estudos canadenses contribuíram para o desenvolvimento dos estudos comparados no Brasil. Se antes as investigações comparadas mantinham relações privilegiadas com a Europa, com a abertura dos estudos canadenses, os olhares se voltaram para comunidades das Américas que viveram situações semelhantes em seus variados regimes coloniais. Os congressos e as publicações da ABECAN acentuaram a necessidade de buscarmos cenários representativos suscetíveis de espelhar os embates históricos que configuraram a criatividade intercultural própria das Américas. Além dos inúmeros artigos de *Canadart* e *Interfaces*, muitos livros coletivos apareceram, aptos a mostrar os movimentos, as mobilidades culturais, passagens e transferências ideológicas entre os povos dominados pelas grandes potências europeias⁵.

Os ameríndios na telenovela quebequense

Renée Legris colaborou intensamente com vários volumes da *Canadart*, como o número VIII, por exemplo. Neste, consta seu texto que vamos apresentar sobre a presença ameríndia na telenovela (*téléroman*), como vários outros de pesquisadores canadenses que eram membros da Associação de Estudos da Rádio e TV Canadenses que ela presidia. O texto de Legris, traduzido por Humberto Oliveira, ficou com o título *O índio americano no teleteatro e na telenovela do Québec (1952-2000)*⁶.

Segundo a autora, as pesquisas sobre os estrangeiros na teleficação do Québec classificaram os ameríndios entre as etnias que representam a figura do Outro (L'Autre).

Desta forma, as primeiras nações que habitaram o Québec e o Canadá, sempre foram examinadas com os mesmos clichês que apontam para problemas de natureza social, econômica ou legal. O Québec, espaço mítico dos missionários, se tornou um cenário de confrontos entre os ameríndios e os colonos. De forma surpreendente, o autóctone passou a ser percebido como um estrangeiro, tão estrangeiro como os imigrantes que chegaram nos séculos XIX e XX. Esta foi a razão pela qual a pesquisadora objetivou analisar as diversas representações que envolvem a figura do ameríndio, questionando as relações interétnicas que se manifestam atualmente sob um prisma desordenado em todas as regiões do planeta.

Por outro lado, a autora afirma que ela achou importante empreender este estudo, uma vez que as histórias do Canadá insistem em mostrar os ameríndios como os “selvagens” que tem assustado a população durante séculos, como o mostramos no estudo sobre os editoriais de *La Presse* no século XIX (SOUZA, 2017). Ela preferiria entender quais as imagens que tem provocado tantos medos e preconceitos em relação aos primeiros habitantes das Américas.

O Corpus

Legris analisou mais de 500 obras de um corpus de teleficção quebequense e encontrou uma dúzia de produções abordando a problemática relativa à configuração dos ameríndios com uma contextualização espaço-temporal apropriada. Segundo ela, existem cinco tendências que estruturam a temática das séries:

- 1-O mito das origens e a valorização de uma forma de ser ameríndia;
- 2-A condenação do ameríndio ao ostracismo como indivíduo;
- 3-A marginalização da coletividade pelo confinamento nas Reservas;
- 4-A aculturação dos ameríndios e a busca de uma nova identidade social ou religiosa;
- 5-A configuração do mestiço como uma etapa da trajetória da aculturação e da assimilação da cultura ocidental.

A autora acha que uma amostra de doze obras é modesta no universo considerado, mas ela observa assim mesmo que o mito quebequense das origens, o tempo da colonização

da Nova França, e a evocação da conquista inglesa no século XVII são fatos bastante significativos. Obras como *Kahnawilo*, *Les Forges de Saint-Maurice e Shewaweh*, assim como *Les Traitants et L'homme aux faux diamants de braise*, enfatizam o trabalho laborioso da agricultura que os colonos empreendiam para o desenvolvimento do espaço social. As nações autóctones, sempre em conflito (*Hurons, Algonquins, Montagnais e Iroquois*) praticam formas primitivas de cultivo da terra que se opõem diametralmente às dos colonos e são caracterizadas como retrógradas.

Marginalização

Em relação ao item 2, Legris considera que a imprecisão relativa às pertencas dos personagens ameríndios provoca um problema, que se associa com aquele do item 3, concernente a uma marginalização nefasta dos representantes das primeiras nações.

A falta de consciência étnica de um personagem perdido e isolado entre os colonos possui uma importância histórica, à medida que revela a existência de conflitos reprimidos pelos autóctones na sociedade dominante. A relevância histórica deste fato é ainda mais acentuada, segundo a autora, porque permite uma melhor compreensão da realidade política e atual ameríndia tanto no Canadá como no Québec. Tudo funciona como se seres solitários participassem de uma comunidade traçando, representando e significando sua própria exterioridade e a do Outro (os do Québec e do Canadá) que eles não são e que se recusam a ser.

Mesmo antes da implantação das Reservas no século XIX, o espaço das coletividades ameríndias era percebido como marginal, um “além”, bem diferente daquele habitado pelos brancos. Estes ocupam terras desbravadas, solo tornado produtivo, onde podem se enraizar para construir uma família e uma nação que existe sem conflitos. Os ameríndios, pelo contrário, mesmo nas Reservas, tem uma propensão ao nomadismo, uma recusa à sedentarização que se baseia no princípio da propriedade privada: “L’ici des Blancs marginalisent les espaces des nations autochtones dans un “au-delà”.” (LEGRIS, 2000).

Estraneidade

Lendo o trabalho de Legris, pensei no termo *extranéité*, em francês, e busquei a tradução em português, achando “estraniedade”. Em ambas as línguas, o termo conota um significado do universo jurídico relativo à situação de um indivíduo que vive como estrangeiro no país em que está domiciliado. Estraneidade pode se conjugar com o conceito foucaultiano de heterotopia⁷. O Outro, estrangeiro, separado de um ‘nós’ em suas sociedades pela distância física, impõe, com suas diferenças, a construção de uma distância mental, cultural, étnica. A compreensão do Outro se evidencia crucial para apreender o longínquo e o próximo, e o discurso televisivo trabalha este campo semântico de forma determinante.

A partir das heterotopias, percebemos como um espaço contém um outro espaço nele, como movimentos distintos contribuem para transformações determinantes nessas superposições espaciais. A imprensa escrita, exemplo utilizado por uma grande maioria de pesquisadores, como uma heterotopia, propõe a coexistência de vários espaços além do dela. Aí nascem espaços onde as representações de alteridade negociam intensamente campos semânticos variados e onde é construída uma identidade baseada em outra imagem da realidade.

No trabalho de Legris, pensamos em combinações de heterotopias entre os itens 1, 2 e 3, através dos quais uma rede de formações ideológicas aparece vinculada à natureza da oralidade dos autóctones. Quem melhor explicita este processo é Victor-Laurent Tremblay (1991, apud SOUZA, 1994) que investiga romances da terra, dos anos 1930, em um estudo de mitoanálise, em formatos de contos e lendas. Havia uma mentalidade, na época, segundo o autor, de considerar as narrativas orais, advindas das florestas, onde colonos interagiam com índios, como diabólicas. Muitos rituais, que escapavam do controle católico, como a dança, a sexualidade e os xingamentos, eram vistos como atividades de maldição, sob o signo satânico, e foram proibidos nas coletividades sedentárias.

Esta herança socio-histórica, que aparece no romance da terra, dos anos 1930, é retomada na teleficção, pela construção de espaços heterotópicos em relação ao espaço central da colonização. É como uma estraneidade textual enquadrada com heterotopia desenquadrada. Como tal processo funciona? A teleficção *Quand nous serons là á*

Manoun, segundo o relato de Renée Legris, evoca o espaço de Pointe-Calumet onde se encontra uma Reserva dos Mohawks, ou Iroquois, perto de Oka. Nesta produção, há vários dramas ligados às relações problemáticas das comunidades ameríndias e brancas: preconceitos, ódios, desprezo e marginalização. A ação de *Terre des Jeux* se passa em Paspébiac, ocupada pelos Micmacs antes dos brancos. Em *Forges de Saint-Maurice*, os Abenakis e outros índios se deslocam para as regiões da Mauricie. Para vender novas peles nos Estados-Unidos, passam pelas ilhas de Sorel e pelo rio Saint-Richelieu, antes de chegar em Albany.

Os trajetos desses índios vão sendo mostrados como formadores de desordem, indisciplina e conflitos, de onde brotam linguagens próprias a um nomadismo selvagem, cuja maior característica é a demolição de uma sociedade longamente construída e conservada pelas forças dominantes, como o objetivo de manter a coerência social do Canadá francês. A partir desta análise de Renée Legris, podemos dizer que existe uma *heterotopia desenquadrada*, que mostra que esses índios não estão em seus territórios, em seus espaços sociais, mas sim atravessando as localidades por causa de seus comércios de peles. No entanto, eles enquadram no espaço social organizado, construído por colonos bem estabelecidos, um linguajar próprio da desestruturação social, do diabolismo destruidor, segundo as elites hegemônicas.

Isto quer dizer que eles enquadram, mesmo sendo estranhos à sociedade canadense francesa uma ordem textual rejeitada por todos, mas que atrai a atenção assim mesmo pela novidade de suas expressões.

Estraneidade, item 4

Quais são as características dos textos que autorizam uma visão de assimilação cultural e religiosa dos ameríndios? Existe aqui evidentemente uma heterotopia encadeada cujas relações entre os textos sobre os autóctones se encontram trançadas. O termo de “encadeamento”⁸, sempre utilizado para o enlaçamento de discursos determinantes de uma trama narrativa, onde há literalmente uma narrativa dentro da narrativa principal, implica em uma dupla subordinação: a da ação e a dos personagens. O fato de um discurso encadeado atravessar a narrativa influencia o desenvolvimento da ação primordial.

Os exemplos mais significativos são: *Shehawehe* e *Au nom du père et du fils*. O primeiro, *Shehawehe*, é uma produção da Sociedade Radio-Canada (que abrange igualmente a televisão, e é uma grande produtora de teleficção), a qual buscava um projeto para sublinhar o 350º aniversário de Montréal, em 1992. O autor Fernand Dansereau procurou uma forma de reproduzir o imaginário da fundação de Montreal; redigiu um cenário original e seu conselheiro histórico Marcel Trudel atestou a verossimilhança das coisas.

No início da colonização, na *Nouvelle-France*, a jovem ameríndia Shehawehe é sequestrada pelos guerreiros Ouendats. Os brancos vêm liberá-las e a confiam a Marguerite Bourgeoys, que a batiza e se encarrega de sua educação. Quando cresce, Shehawehe é levada à França pelo marquês de Tracy a apresentada à corte de Luís XIV. Por ter desobedecido sua protetora, ela é confinada no hospital para mendigos Pitié-Salpêtrière. Alguns anos mais tarde, volta à *Nouvelle-France* como *fille du roy*, como uma daquelas moças que eram levadas para se casar com os colonos. São dois anos de casamento forçado até que Shehawehe resolve voltar a viver no meio do seu povo indígena. Este retorno constitui um grande fracasso para a protagonista, pois já encontra o povo praticamente dizimado, e os que sobrevivem aos massacres dos brancos já estão completamente modificados em seus costumes e valores.

Shehawehe vai dedicar o restante de sua vida à educação de seu povo como uma espécie de “santa” que abdica das formas de vida do mundo. Ela se tronou um modelo de ameríndia educada, que fala e escreve francês perfeito, mas nunca se converteu à religião dos colonizadores, preferindo conservar as crenças originais de sua infância. Desta forma, como o diz Renée Legris, trata-se de uma personagem que representa alguém violentada de várias formas: sexualmente, com 13 anos, religiosamente pela força da cristianização que os franceses lhe impõem, e culturalmente por ter sido obrigada a virar as costas para o patrimônio existencial que seu povo transmitia às gerações mais novas, responsável pela conservação ecológica das terras do Novo Mundo. Percebe-se então como funciona a estraneidade praticada em um ambiente narrativo de *heterotopia encadeada*: Shehawehe é a protagonista da trama teleficção cuja ação se desdobra em torno de uma vida partilhada entre a perda dos valores de um povo de origem e a assimilação forçada dos modos de

vida de uma outra cultura dominante e colonizadora. São dois espaços superpostos que dinamizam a ação, mostrando, no final, o dilaceramento de uma personalidade arrastada nos caminhos de um destino destruidor que ela não teve a possibilidade de transformar.



Imagem n. 1: Shehaweh. Fonte: Quijoutequi.

O segundo exemplo de *heterotopia encadeada* na teleficção provém da tradução do romance de Francine Ouellette, *Au nom du père et du fils* (1984). A obra vai ao ar em 1989 e expõe, de forma emblemática, os conflitos entre as duas culturas, branca e ameríndia, no final do século XIX. A família de Gros Ours vive na floresta, com seus valores, crenças e linguagens, que caracterizam o campo semântico diabólico, que já mencionamos no item anterior. Sua filha, uma jovem ameríndia Biche Pensive, mantém uma relação amorosa com o médico do vilarejo, um pai de família numerosa, com quem tem um filho mestiço. Biche Pensive contrai uma doença na floresta, vem a falecer, e seu filho Clóvis passa a ser criado por um padre pedófilo, sofrendo as amarguras de ser um bastardo, filho do pecado de uma “selvagem” com um homem casado bem estabelecido.

Mais tarde, reconhecido por seu pai, o mestiço conclui estudos de medicina e parte para Manitoba, a fim de cuidar dos índios que foram aniquilados, após o enforcamento de

Louis Riel. Como Shehaweh, ele encontra um povo dizimado e massacrado, que já não possui forças e energias para se erguer além do sofrimento, com o objetivo de reconstruir uma sociedade de valores autóctones. Clóvis vive este processo de estraneidade, tanto no seio da sociedade de origem de seu pai, como no ambiente autóctone de sua mãe.

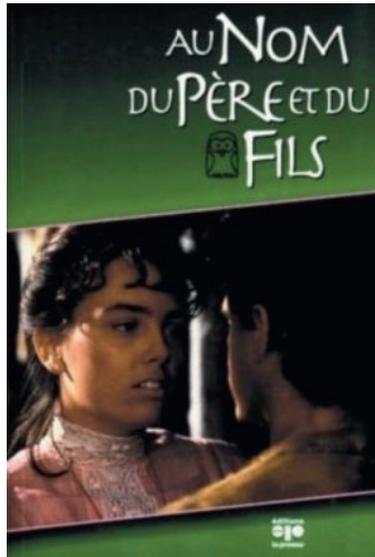


Imagem 2: Fonte: Sokrostream

Estraneidade, ítem 5

Muito já se escreveu sobre os mestiços do mundo inteiro e do Canadá. A figura do *coureur de bois*, é bastante compreensível em todas as culturas, embora esses termos sejam difíceis de serem traduzidos. Alguns já associaram a figura à do bandeirantes que adentraram as matas para desbravar, empreendendo, dessa forma, vários tipos de negociações com os indígenas, muitas vezes violentas. No Canadá, muitos comerciantes de peles receberam licença do governo para se tornarem legais, viajantes profissionais respeitáveis. Outros, porém, preferiram agir por conta própria, merecendo a designação de *coureur de bois*, tipo de corredor das matas que desempenhou um papel preponderante na exploração francesa do continente e no estabelecimento de relações comerciais com os autóctones.

Segundo Legris, o *coureur de bois* é a imagem inversa do ameríndio assimilado. Ele adquire uma identidade dupla de europeu e ameríndio e convive com ela confortavelmente. É uma imagem presente nos textos históricos, sociológicos, literários e cinematográficos, governando realmente textos culturais próprios da sociedade quebequense. Ela mostra uma estraneidade com forte dimensão narrativa, utilizada em heterotopias enquadradas e encadeadas, à medida que se ancora em sistemas de relações discursivas capazes de configurar constelações semânticas relativas às trocas materiais e simbólicas dos dois protagonistas fundadores da nação canadense.

Muitas vezes, um protagonista *coureur de bois* evoluiu em uma heterotopia desenquadrada, quando surgiu em espaço social como o representante de uma vida nômade e desenfreada, símbolo de uma individualidade desenraizada; uma figura de aventura nefasta que não traria benefícios à vida familiar e social. Outras vezes, apareceu como provedor de uma família, à medida que trazia os bens necessários para a estabilidade de todos, assegurando mesmo a sobrevivência da sociedade canadense-francesa. Nesse caso, funcionou como figura crucial de um heterotopia enquadrada permitindo que sua coragem, autonomia e sentido da liberdade pudessem arejar a rigidez dos valores e tradições da sociedade mencionada. Encantador e contador de estórias, o *coureur* passou a fascinar como “príncipe encantado” (ANDRADE, 2007), dinamizando a vida e a rotina das comunidades construídas a partir dos valores de conservação da cultura francófona.

À guisa de conclusão

Não há nenhuma dúvida de que este estudo de Renée Legris sobre o que chamamos de *estraneidade* dos ameríndios na teleficção canadense é um dos mais originais e profícuos na história da mídia no país. Em vista do cenário exposto, pode-se compreender porque é necessário insistir que o ameríndio é uma figura de grande referência ontológica e cultural no Canadá, ou mesmo nas Américas. Figura fundadora das sociedades americanas, por sua visão de mundo harmônica, onde os humanos devem interagir com a natureza sem a destruir, apresenta grande capacidade de compreensão dos territórios, graças aos conhecimentos que acumulou há milênios.

Como a própria autora afirmou, conhecer as várias formas de representação dos ameríndios nas produções culturais do Canadá, é uma atitude profundamente positiva. Saber a marginalidade à qual sempre foram submetidos os povos autóctones pode significar uma forma de tentar corrigir o erro de aniquilar culturas primordiais para a sobrevivência das espécies. No Canadá, ou na Amazônia, são eles que detêm o conhecimento necessário para frear a engrenagem do progresso destruidor e manter o equilíbrio ecológico do mundo.

Nesse contexto, apresentamos aqui algumas teleficções que tratam da problemática desenvolvida, com seus autores e os anos de difusão:

Título	Autor	Ano
Ressac	Pierre Pétel	1954
Nicolas Dumets	Guy Dufresne	1955
DouX Sauvage	Jean-Robert Rémillard	1968
L'homme aux faux diamants de braise	André Major	1973
Les Traitants	Guy Dufresne	1961
Les Terres des Jeux	Jean-Marie-Lelièvre	1985
Les Belles Histoires des Pays d'En Haut,	Claude-Henri Grignon	1956-1970
Kahnawiiio (La Rivières aux Belles Chutes)	Guy Dufresne	1961-1962
Les Forgs de Saint-Maurice	Guy Dufresne	1972-1975
D'Iberville	Guy Fournier, Jacques Letourneau	1967-1968
La Feuille d'Érable		1971
Shehaweh	Fernand Dansereau	1992-1993
Au nom du Père et du Fils	(Francine Ouellet)	1993

Referências

BERND, Zila. *Por uma estética dos vestígios memoriais*. Releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

BERND, Zila, Org. *Imaginários coletivos e Mobilidades (Trans)Culturais*, Porto Alegre: Nova prova, 2008.

LEGRIS, Renée, *O índio americano no teleteatro e na telenovela do Québec* (1952-2000). In: *Canadart VIII*, v.8.. Salvador : UNEB, jan/dez. 2000, p. 17-50.

SOUZA, Licia S. *Représentation et idéologie: les téléromans au service de la publicité*. Montreal: Ed. Balzac, 1994.

FOUCAULT, Michel, *Des espaces autres. Conferência de 1967*. Disponível em: <https://foucault.info//documents/heteroTopia/foucault.heteroTopia.fr.html>. Acesso 6 de novembro de 2016.

QUIJOUÉQUI. Disponível: <https://quijouequi.com/oeuvre/313/shehaweh> Acesso: 21-05-2017

SCHEINOWITZ, Celina. *Resenha: Canadart VIII*. In: *Interfaces Brasil/Canada*, V. 1, N. 1, (2001), p. 199-203. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/6294/4376>. Acesso: 13 de setembro de 2017.

SOKROSTREAM. Disponível em: <http://sokrostream.ws/series-tv/au-nom-du-pere-et-du-fils-saison-1-66770.html>. Acesso: 21 de maio de 2017.

SOUZA, Licia S. de, *Les Métis et le Québec: scissions dans la sémiosphère fédérée du Canada*, *Interfaces*, V. 17, N. 2 (2017) , p. 116-129. Disponível em: [file:///C:/Users/L%C3%8DCIA/Downloads/10737-41287-1-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/L%C3%8DCIA/Downloads/10737-41287-1-PB%20(4).pdf) Acesso: 2 de setembro de 2017.

Notas

¹ Departamento de Estudos Literários, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. Pesquisadora do CNPq. liciasos@hotmail.com.

² *Canadart* foi a revista do Núcleo de Estudos Canadenses da UNEB, de 1993 a 2010.

³ Revista do Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem da UNEB.

⁴ Vide a resenha do volume VIII de *Canadart*, elaborada por Celina Scheinowitz: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/6294/4376>.

⁵ Vide , entre outros, nosso livro organizado com Humberto L. Oliveira, *Heterogeneidades. Jorge Amado em diálogo* (2000) que apresenta vários estudos comparados entre o escritor baiano e escritores quebequenses. Vide igualmente a resenha de Suênio Campos sobre este livro: <file:///C:/Users/L%C3%8DCIA/Downloads/399-1684-1-PB.pdf>.

⁶ Na época, ainda não utilizávamos o termo “ameríndio”, índio das Américas, e *amérindien* foi traduzido como “índio americano”.

⁷ Heterotopia (aglutinação de *hetero* = outro + *topia* = espaço) é um conceito elaborado por Michel Foucault (1967) que descreve lugares e espaços que funcionam em condições não-hegemônicas. Foucault usa o termo heterotopia para descrever espaços que têm múltiplas camadas de significação ou de relações a outros lugares e cuja complexidade não pode ser vista imediatamente.

⁸ Utilizei os termos enquadramento e encadeamento na obra *Représentation et idéologie: les téléromans au service de la publicite* (1994), da seguinte forma: 1. O enquadramento diz respeito a um enlaçamento narrativo entre dois discursos que afeta a trama principal, mas não a modifica. Na obra citada, falamos do merchandising em telenovelas em que o discurso publicitário entra ilustrando e descrevendo cenários da trama, mas não a determina. O encadeamento modifica a trama. No caso do merchandising, é quando o discurso publicitário entra como parte da profissão do personagem, como determinante de sua vida, quando ele é, por exemplo, comerciante de motos ou de computadores.